

A BOCA ABRIU ANTES DOS OLHOS

A desmemória/1

Estou lendo um romance de Louise Erdrich.

A certa altura, um bisavô encontra seu bisneto.

O bisavô está completamente lelé (seus pensamentos têm a cor da água) e sorri com o mesmo beatífico sorriso de seu bisneto recém-nascido. O bisavô é feliz porque perdeu a memória que tinha. O bisneto é feliz porque não tem, ainda, nenhuma memória.

Eis aqui, penso, a felicidade perfeita. Não a quero.

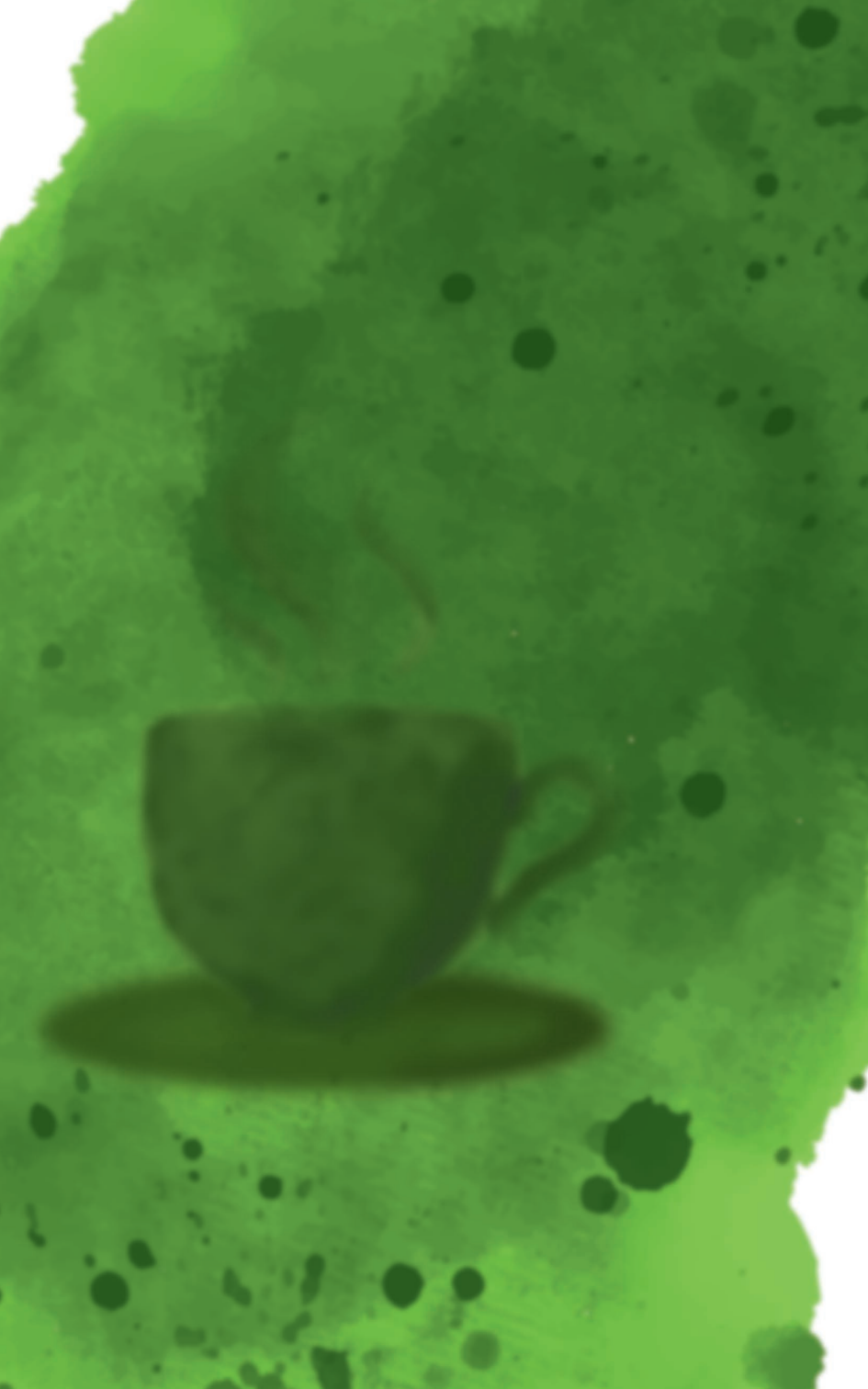
Eduardo Galeano

O livro dos abraços

ÍNDICE

| | |
|--|-----------|
| PREFÁCIO..... | 9 |
| CADERNO DE RECEITAS..... | 17 |
| A máquina de costura me desperta, 19 • Laboratório, 20 • Gosto de andar na rua no dia 1 de janeiro, 23 • Sem sentido, 24 • Pé de jabuticaba, 28 • Santa ceia, 31 • A palavra nasce da fome, 35 • Primeira voz, 36 • Bilhete, 38 • Coração tropical, 40 • Utensílios, 41 • Coqueiro, 42 • Vida, 45 • Café com chorinho, 46 • Procura-se, 49 | |
| MINHAS LOUÇAS..... | 51 |
| Faxina, 53 • Copo, 54 • Nua, 55 • Sorriso amarelo, 56 • Corte, 58 • D.R., 60 • Amor, 61 • Banca, 62 • Água, 64 • Almoço de domingo, 66 • Entre perdas e buscas – notas sobre liberdade, 68 • Tem dia que a palavra não é nada, 69 • Medidas, 70 • Receita de natal, 71 • Indigesto, 72 • Restos, 74 | |
| CÓDIGOS DA FOME..... | 77 |
| Seleção natural, 79 • A bolsa de valores, 81 • Trem bão, 82 • Efeitos e Estado, 84 • Manjar, 86 • Lógica, 87 • A laranja diverte a criança da calçada, 88 | |

CADERNO DE RECEITAS



A máquina de costura me desperta
linhas no chão
roupinhas de boneca
há tinta pela casa
cheiro de pão invadindo o jardim
bichinhos brincam nas suas flores do quintal
e eu sinto você
e eu sigo você
cresço brincando com o sentir
antes sem nome –
no silêncio de letras
os significados bastavam

Para minha mãe – Rozeli

Laboratório

De um tempim pra cá percebi que a cozinha foi um dos meus primeiros laboratórios de poeta. Lá observava (muitas vezes falando), quase sem querer, muita coisa, e a maioria nem era de comer.

Minha véinha-cientista-mágica-alquimista se virava com o que sabia das história dos antigo, com os programa da Parmirinha, intuição e tudo que a geladeira deixava. Essa parte era a mais divertida e de criação pura.

Comecei a trabalhar e investir mais nas receitas, percebi que ter todos os produtos à disposição não facilitava muito, sentia na cara de Dona Rozita o desespero de quem ganha na loto e nem imagina o que fazer com a grana.

Saber trabalhar com a dificuldade,

com o aproveitamento dos alimentos ou mesmo das refeições do dia anterior, gerava um grande prazer. O restinho do arroz virando bolinho ou o do feijão virando sopa e por aí vai. Entende?

Meu tio tinha um terreninho com plantação de milho (acho que era isso) e na época de colheita a casa era bolos, sucos, curaus e tals. O vizinho tinha um pé de chuchu. Muitas vezes virou picadinho na janta. Mamãe fazia doce. Me encantam os desandares: o açucarar da bala de coco vira outro doce; muita água no arroz, tire um pouco, menino, dá certo se não empapou ainda; salgou o molho, coloque um pouquinho d'água.

Hoje fui fazer um cuscuz e fiquei pensando nisso tudo, no erro e acerto que tem o cozinhar, medida de tempero, continuar, não desistir do prato, dos mistérios – tem coisa que toma mais gosto depois que esfria, vá entender –, nesse criar de

sabores, feito poesia, feito vida.

Obs.: esqueci de colocar a azeitona na massa do cuscuz, então, vai por cima mesmo.

Vila Primavera/ 2018

Fruta da época: melancia

***Para Aline Macedo, Marcelo da Silva Antunes e
poetas do Vocacional Literatura***